

3.

Angela e Lélia: as encruzilhadas entre classe, gênero e raça ou a perspectiva da interseccionalidade

*Mulheres de todas as raças, culturas e cores:
construamos uma outra história*

Lema do IV Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe

3.1. Introdução

A partir do que observamos nos dois capítulos anteriores sobre Angela Davis e Lélia Gonzalez, iremos agora estabelecer a comparação e a análise dos aspectos convergentes e divergentes das autoras, tanto acerca de suas trajetórias quanto acerca de sua produção intelectual.

Apesar da diversidade dos respectivos contextos e das diferenças em alguns aspectos de suas trajetórias, de suas propostas e de suas elaborações políticas e intelectuais, Angela e Lélia se voltaram para as questões básicas dos afro-descendentes na diáspora, tais como compreender os processos históricos, sociais, políticos e culturais que baseiam as desigualdades raciais e a opressão dos/as negros/as, analisar a situação das mulheres negras, reavaliando a experiência da escravidão, e ainda fomentar a organização política.

Os movimentos negros gerados nos recortes cronológicos da pesquisa ligam-se às distintas formações raciais dos dois países. Apesar das diferenças, mantiveram o mesmo desafio, construir uma identidade positiva como afro-descendentes e, ao mesmo tempo, ser capaz de articular sua atuação política. Levando em conta o passado de escravidão dos seus antepassados africanos que relegou negros/as à “racialização”²²⁵, estigmatização e ainda à exclusão do poder decisório nas duas sociedades em questão. Todavia, observamos que as mulheres negras, tanto no Brasil como nos EUA, só se formariam coletivamente como sujeito políticos autônomos, com agenda política e discurso coletivo elaborado, na década seguinte.

²²⁵ A partir das considerações de Luiza Bairros (Cf. “Orfeu e o Poder”). Considero a racialização como a dimensão determinante que a raça toma para definir os afro-descendentes (e africanos) em todos os lugares do mundo. Acrescenta-se ainda o papel subordinado da comunidade negra em todas as instâncias das sociedades.

3.2. Comparando as trajetórias intelectuais e políticas

A pesquisa se concentrou no recorte cronológico das décadas de 1960 a 1980. Cabe atentar para o fato de que, dentro deste período, para o objetivo desta pesquisa, existiram períodos distintos em relevância dentro da trajetória de cada uma das autoras. Para Angela, o período é o de 1960-1970 e, para Lélia, o de 1970-1980. Foram estes os momentos historicamente mais significativos em suas trajetórias, períodos este que correspondem ao ápice da luta dos militantes negros em seus respectivos países. Eles nos permitem relacionar suas trajetórias políticas às conjunturas históricas a elas contemporâneas, mostrando a inter-relação existente entre suas vidas e as tensões políticas e sociais da época, às quais estavam intimamente ligadas. O que não implicou em nenhuma espécie de determinismo cronológico, na verdade, o que observamos foi “(...) uma tensão permanente entre a vontade de respeitar a experiência subjetiva de nosso sujeito e a necessidade de ligá-la a um processo ou a estruturas que ultrapassam o universo imediato desta experiência”.²²⁶

Destacam-se as atuações de Angela e Lélia nos respectivos contextos políticos em que estavam inseridas. As conjunturas históricas abordadas nos dois países corresponderam a uma forte organização da sociedade civil, ainda que com características distintas nos dois países, em especial com acontecimentos posteriores opostos. Nos EUA, o desfecho do ápice das organizações revolucionárias negras correspondeu a uma guinada conservadora, uma resposta das maiorias silenciosas conservadoras, com a eleição de Nixon. No Brasil, o processo se caracterizou pela transição “lenta e segura” da retomada dos civis ao poder e o fim da ditadura. Além disso, os movimentos negros aos quais se ligaram Angela e Lélia mantinham uma característica em comum: foram capazes de criar novas formas de expressão política.

Angela e Lélia foram militantes reconhecidas nos movimentos negros, feministas e também nas esquerdas a elas contemporâneas. Ao mesmo tempo, sofreram críticas e questionamentos, como ocorre com todas as figuras públicas. Foram capazes de “transitar por vários mundos, ajustando e conciliando suas múltiplas identidades segundo contexto e situações”.²²⁷ Dessa forma, mantiveram seu

²²⁶ SOIHET, Rachel. Mulheres e Biografia. Significados para a História. Texto apresentado ao **X Simpósio Regional de História da ANPUH/ UERJ**. Rio de Janeiro: ANPUH, 2002 (mimeo), p. 08.

²²⁷ KUSCHINIR, Karina. Trajetória, projeto e mediação na política. In: VELHO, Gilberto (org.). **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001, p. 139.

eixo fundamental: ser mulher negra (identidades de gênero e raça) e, a partir desse lugar, mediar as suas ações políticas e intervenções na realidade.

Aos compararmos as narrativas das autoras sobre as suas trajetórias – a partir de autobiografia, depoimentos e entrevistas – observamos o destaque dado a um acontecimento em particular. Em ambas, a questão da descoberta de ser uma mulher negra ocorreu a partir de uma definição externa. Elas, em um dado momento de suas vidas, foram discriminadas por serem mulheres negras. Angela destaca a experiência com George Jackson e o argumento da promotoria contra ela como os acontecimentos responsáveis pela sua tomada de consciência de gênero.²²⁸ Antes desses acontecimentos, Angela não se posicionava como mulher negra, foi a partir daí que começou a desenvolver também as suas pesquisas sobre o tema. Nos depoimentos de Lélia, são destacados os problemas que teve com a família de seu ex-marido como parte do processo para sua tomada de consciência de gênero. Os acontecimentos mencionados pelas autoras nos revelam assim que também eram afetadas pelo processo cultural que analisavam, a discriminação de gênero e raça.

Nesse tópico é importante também não esquecermos o papel seletivo exercido pela memória, que lembra e esquece simultaneamente e na apresentação sob a forma de narrativa, tenta dar inteligibilidade a acontecimentos muitas vezes desconexos em uma trajetória. Construir uma relação de causa, efeito e consequência, de acordo com Pierre Bourdieu: “(...) tornar-se ideólogo de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência”²²⁹, ou seja, orientar todo o esforço de apresentação de si, ou melhor, de produção de si. O processo da construção da memória é mediado pelas “(...) preocupações pessoais e políticas do momento”.²³⁰ As autoras começaram a refletir sobre as relações de raça e gênero a partir do momento em que se conscientizaram que eram atingidas por isso. Até então, estavam marcadas por certa excepcionalidade, levando-se em conta o desenvolvimento de suas respectivas trajetórias acadêmicas.

A participação na política foi um fator de grande importância na trajetória de Angela e Lélia, por quebrarem com um monopólio considerado masculino, em um

²²⁸ Como já abordado no capítulo anterior.

²²⁹ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: Marieta de Moraes e AMADO, Janáina (org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, pp. 184-185.

²³⁰ Michel Pollack. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. v. 5, n. 10. Rio de Janeiro: FGV, 1992, p. 204.

espaço público onde historicamente as mulheres não estão inseridas, em especial as negras. Além da atuação nos movimentos sociais, elas tiveram em comum a ação partidária, bem como a disputa por eleições com algumas particularidades. Lélia foi candidata duas vezes, a deputada estadual e federal, com fortes chances de eleição. Angela, por sua vez, concorreu à vice-presidência dos EUA pelo Partido Comunista em uma chapa com Guss Hall, porém sem chance alguma de vitória, dada a forte rejeição aos comunistas naquele país e, ainda, o contexto da Guerra Fria.

A questão do Partido também aparece nas duas autoras, ainda que de forma distinta. Angela tem uma especificidade em relação ao tema que tanto a afasta de Lélia quanto da sua própria geração. Provavelmente, em função da sua formação marxista ortodoxa européia, ela desenvolveu uma concepção sobre a necessidade de um Partido centralizado para organizar a classe operária, concepção esta distinta da maior parte dos militantes de esquerda estadunidense da sua época. A esquerda norte-americana dos anos 60 se caracterizou por um recuo à idéia de partido leninista, indo na contramão a essa concepção, pois as suas organizações estavam baseadas em estruturas menos centralizadas. Angela, ao regressar da Europa, busca um partido tradicional, o PC norte-americano, apesar de manter uma relação próxima todo o tempo com os Panteras Negras e outras organizações revolucionárias.

A opção de Angela pelo Partido Comunista contrasta com a representação da sua imagem libertária enquanto mulher negra. Isto nos recorda a discussão a respeito da liberdade dos sujeitos históricos dentro do campo das possibilidades abertas. De acordo com Giovanni Levi, “a biografia (...) é o campo ideal para verificar (...) a liberdade de que dispõem os agentes e para observar como funcionam concretamente os sistemas normativos, que jamais estão isentos de contradições”.²³¹

Já Lélia aliou-se a Partidos menos ortodoxos, filiando-se primeiramente ao PT e depois ao PDT. Essas diferentes visões de Partido relacionam-se com as leituras distintas que ambas fizeram do marxismo. Angela com uma formação marxista leninista tradicional e ortodoxa²³² e Lélia com uma outra visão, mais ampla, muito influenciada pelo pós-1968, com um diálogo intenso com a Psicanálise, o Pan-africanismo e perspectivas culturalistas. Apesar de não terem leituras semelhantes sobre o Partido, as duas consideravam fundamental a disputa pelo poder, bem como a

²³¹ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, p. 180.

²³² Atualmente ela não mantém essa ortodoxia, mas ainda se define como marxista.

organização do trabalho de base (as duas estiveram em momentos de suas militâncias envolvidas no mesmo).

Angela e Lélia não executaram os papéis invisíveis usualmente destinados às mulheres nas organizações e movimentos (ou seja, as tarefas de secretariar reuniões, a responsabilidade com a arrumação da sede etc.). Mas também viveram, em alguns momentos, pressões para que cumprissem esse papel. Angela narra, em sua autobiografia, momentos em que isso ocorreu. Acrescenta-se ainda o fato de não serem identificáveis como a mulher/companheira ou a filha de um homem, pois ambas entraram com bastante autonomia no campo político²³³, além de não serem definidas como meras coadjuvantes, tampouco assumiram uma postura masculinizada ou assexuada.

Isto contribuiu para Angela e Lélia se destacarem no campo da política, enquanto espaço de concorrência entre diferentes atores sociais pela disputa de posições e enquanto possuidoras de capitais distintos. Foi o acúmulo do capital intelectual e cultural²³⁴ (obtido também na academia) anterior ao movimento, que lhes permitiu o desenvolvimento de forma mais aprofundada dessas atividades, pois possuíam características não comuns à maioria das mulheres negras do período. As duas já tinham uma formação anterior em Filosofia, além de conhecerem o marxismo e o existencialismo. As qualidades acumuladas²³⁵ por Angela e Lélia²³⁶ durante o período de maior importância dos movimentos negros em seus países lhes permitiram

²³³ Mesmo que pese algumas referências sobre o envolvimento de Angela Davis com a militância política “mais radical” ter ocorrido em função de George Jackson. Como já observado no capítulo anterior, ela já estava envolvida com todas as organizações negras antes de conhecê-lo, na verdade, o contato só foi possível porque ela já militava.

²³⁴ Devido à importância do conceito repetiremos aqui a definição apresentada no capítulo I:

“Conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas às outras, definidas umas em relação às outras por sua exterioridade mútua e por relações de proximidade, de vizinhança ou de distanciamento e, também, por relações de ordem (...). O espaço social é construído de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em função de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação, (...) – o capital econômico e o capital cultural.” BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**. Campinas: Papirus, 1996, pp. 18-19

²³⁵ Angela e Lélia já dominavam línguas estrangeiras, dessa forma tinham acesso a uma bibliografia estrangeira que grande parte dos militantes seus contemporâneos não tinham. Somando-se as experiências de viajarem e estudarem fora de seus países, ampliou-se em muito suas percepções sobre as relações raciais, bem como o entendimento da dimensão global do racismo.

²³⁶ Lélia tinha uma formação maior que a dos militantes negros contemporâneos e também era mais velha. Por outro lado, não devemos perder de vista que as pessoas que encabeçaram a retomada da luta anti-racista nos anos de 1970 formavam uma pequena “elite” com uma ascensão educacional maior que grande parte dos afro-descendentes, mas que continuavam a se deparar com a discriminação racial no mercado de trabalho e no seu cotidiano. Isto desmentia a visão do senso-comum de que o preconceito era baseado na classe e não na raça. Essas pessoas haviam desenvolvido seus estudos a partir do *boom* do ensino superior do país na década de 1970, foram influenciadas pelas lutas dos afro-americanos e pelas lutas de descolonização na África.

construir um “nome” dentro e fora desses movimentos, passando a ser conhecidas e reconhecidas não apenas pela militância, mas também por suas idéias.

Devido às diferenças políticas entre os contextos históricos vivenciados por Angela e Lélia, as trajetórias políticas das pesquisadas tiveram especificidades. Angela, como muitos militantes da sua geração, vivenciou uma perseguição política aberta por parte do Estado e das forças de repressão, além de ter sido presa. Esses acontecimentos foram comuns aos/às militantes negros/as das organizações revolucionárias. O governo norte-americano, com o objetivo de conter a organização política da comunidade negra, desenvolveu, dentro do FBI (*Federal Bureau of Investigation*) um programa específico chamado *Cointelpro* (*Counter Intelligence Program*)²³⁷ contra as organizações e lideranças negras. A sua ação consistia em vigiar, perseguir, incriminar ou até mesmo matar, como ocorreu no caso de Fred Hampton²³⁸. Os Panteras Negras foram, sem dúvida, a organização mais atingida pela repressão, e foi o *Cointelpro* quem executou a captura de Angela.

Lélia não foi atingida diretamente pela repressão desenvolvida durante a ditadura militar, embora, como já observado no Capítulo I, ela tenha sido vigiada pelo DOPS com certa frequência. Isso ocorreu pelo fato de o movimento negro ter iniciado a sua organização num momento em que o regime militar já mostrava suas debilidades e prazo de validade. Mais, ainda, isto ocorre dentro de um contexto de ampla retomada dos movimentos sociais e organizações de base - final dos anos 70.

Sobre o engajamento, Edward Said chama a atenção para uma tarefa importante dos intelectuais nos movimentos sociais: é a de “(...) criar as condições sociais para a produção de utopias realistas”.²³⁹ O autor também afirma que:

O papel do intelectual é, antes de mais nada, o de apresentar leituras alternativas e perspectivas da história outras que aquelas oferecidas pelos representantes da memória oficial e da identidade nacional.²⁴⁰

No somatório das duas atividades (política e academia), Angela e Lélia desenvolveram o seu trabalho enquanto intelectuais comprometidas com as

²³⁷ O Jornal **Versus**: Afro-Latino América (São Paulo n. 25, out. 1978), publicou alguns fragmentos de um documento interno do *Cointelpro* que veio a público revelando as suas práticas. “Um documento de 4 março de 68 avisa: evitar a coalizão de grupos nacionalistas negras (...) evitar que grupos e líderes militantes ganhem respeito, desacreditando-os de todos os segmentos da Comunidade.”

²³⁸ Liderança dos Panteras Negras de Chicago, morto em sua casa em 04 de dezembro de 1968, a partir da ação de um infiltrado no Partido que fazia parte de sua segurança (mas que na verdade trabalhava para *Cointelpro*).

²³⁹ SAID, Edward W. **Cultura e Política**. São Paulo: Boitempo, 2003, p. 37.

²⁴⁰ *Ibid*, p. 39.

transformações sociais, mesmo que esse trabalho não seja usualmente valorizado como ativismo, e que a academia veja este com certa desconfiança. Trata-se de uma luta onde os conhecimentos produzidos também foram apropriados, numa resposta ao colonialismo cognitivo que também marca as relações raciais nas duas sociedades.

Na medida em que líamos as autoras e as analisávamos, nos perguntávamos se ocorreu uma relação equilibrada entre o engajamento ideológico²⁴¹ e a realização da produção de conhecimento. Sendo claro que os/as pesquisadores/as incorporam em seu trabalho de forma consciente ou inconsciente as suas ideologias, essas orientações aparecem na explicação e nas escolhas conceituais dadas por elas. Observamos que Angela e Lélia mantiveram uma relação equilibrada entre o engajamento e a produção de conhecimento. O destaque observado ocorreu nas distinções entre os temas abordados pelas autoras, quando se tratava de uma publicação (ou palestra), para a academia ou para militância. Algumas discussões das autoras não foram abordadas de forma semelhante dentro do movimento e na universidade. Em Angela, a estratégia sobre a luta revolucionária e, em Lélia, as discussões sobre afrocentrismo²⁴².

Contudo, as questões mais problemáticas ocorreram no campo acadêmico, na concorrência pela legitimidade, e mais particularmente, na busca do reconhecimento como pares nesses mesmos espaços e não apenas vistas como agitadoras políticas. Contudo, as escolhas políticas que realizaram acarretaram problemas às suas vidas acadêmicas. Em Angela, podemos citar a tentativa de sua expulsão da Universidade da Califórnia por parte do ex-governador Ronald Reagan, por se tratar de uma comunista filiada ao Partido. Em relação à brasileira, Luiza Bairros recorda algumas dificuldades de Lélia, provavelmente em função de seu engajamento e posicionamento político, como por exemplo, a de conseguir se tornar chefe do departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio: “(...) após algumas tentativas frustradas, apesar do apoio que tinha entre os estudantes, só foi eleita em maio de 1994 para o único cargo que a vi desejar durante nosso período de convivência”.²⁴³

A produção de conhecimento no campo acadêmico pode ser definida pela adoção do que Bourdieu chamava de “estratégia de conservação” e “estratégia de

²⁴¹ Cf. HOBBSBAWN, Eric. Engajamento. In: **Sobre História**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

²⁴² Pude observar isso em textos das autoras que consistiam na transcrição de debates e palestras.

²⁴³ Luiza Bairros. "Lembrando Lélia Gonzalez". In: WERNECK, Jurema (org.). **O livro da saúde das mulheres negras** – nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Criola/Pallas, 2000, p. 58.

subversão”.²⁴⁴ Angela e Lélia como outros acadêmicos negros engajados são vistos com certa desconfiança no campo científico, por adotarem uma estratégia de subversão, ou seja, por buscarem desconstruir alguns dos cânones do pensamento acadêmico. Como nos lembra Bourdieu, a adoção da estratégia da subversão acarreta um investimento muito custoso e arriscado, por se tratar de uma redefinição completa dos princípios de legitimidade da dominação. Em especial para Angela e Lélia, por denunciarem a existência de um conhecimento anterior marcado por orientações ideológicas conservadoras e comprometidas com a permanência da situação de desigualdade racial, particularmente em relação às mulheres negras. Qualquer afirmação da neutralidade nesse debate se converteria na afirmação da continuidade da situação de desigualdade dos afro-descendentes.

O acúmulo de capital científico pelos sujeitos do conhecimento e a valoração do seu produto por seus pares na sociedade científica em que procura se inserir constitui questões fundamentais para qualquer acadêmico. Tínhamos como dúvida, ao iniciarmos a pesquisa, se o conhecimento das autoras fôra respaldado ou não entre os seus pares na academia. Ao longo da pesquisa, concluímos que sim. Uma das possíveis respostas foi observar que as autoras publicaram em conceituadas revistas acadêmicas dos dois países, bem como tiveram aceita a publicação de livros por editoras de renome. Por outro lado, podemos observar o pouco reconhecimento obtido pelas autoras no que diz respeito às suas avaliações sobre as relações raciais em seus países, entre seus pares da academia. Já nas pesquisas sobre o tema das mulheres negras, as autoras aparecem como forte referência, também neste espaço.

Observamos que a existência de um campo mais desenvolvido de estudos sobre a questão racial e de gênero nos EUA permitiu a Angela Davis uma maior circulação. No caso do Brasil, as pesquisas acadêmicas sobre essa temática ainda se desenvolveram com certa timidez e atraso à época, o que levou a pouca divulgação, em termos de pesquisa acadêmica, da bibliografia de Lélia.

Essas diferenças de maneira alguma devem ser pensadas como valorativas, apenas como diferenças entre o desenvolvimento das pesquisadas nos EUA e no Brasil. Pois recordamos que naquele país o tema das mulheres negras se faz presente

²⁴⁴ Para uma discussão aprofundada sobre o tema conferir: BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org). **Pierre Bourdieu**. São Paulo, Ática, 1994.

no *Black Studies*, no *Women Studies*, e ainda na Sociologia e na História ²⁴⁵. A eficácia da disseminação de uma nova produção de conhecimento está proporcionalmente ligada à circulação do texto, bem como à sua audiência e consumo. Em consequência disso, a obra de Lélia pouco foi incorporada aos estudos de gênero desenvolvidos no Brasil, os mesmos insistem em trabalhar com a categoria gênero como sintetizador de toda a experiência feminina ao longo da história, negando-se a incorporar a dimensão de raça, dessa forma também contribuindo para a invisibilidade das mulheres negras e indígenas.

Sobre as origens familiares das pesquisadas, a diferença de classe se faz presente. Angela é a filha mais velha de uma família de classe média negra do Alabama, com quatro filhos e pais professores. Lélia era a última filha de uma família de Minas Gerais com quatorze irmãos, de origem humilde e com uma mãe analfabeta. Acrescenta-se ainda a diferenças econômicas entre Brasil e EUA. Apesar da segregação, existia nos EUA uma classe média negra desde os anos de 1930.

Um ponto fundamental para o surgimento da pesquisa foi a permanência da memória a respeito dessas duas mulheres dentro dos seus movimentos, como uma espécie de síntese da sua geração, o que as manteve vivas como referências.

De imediato, salta à atenção também a questão estética nas imagens dessas duas mulheres. Em Angela, o uso do seu cabelo afro que “(...) em 66 e 67 nos EUA era um ato político a mulher cortar o cabelo assim”. ²⁴⁶ Mais do que uma opção estética, era a demarcação de uma postura, de se assumir negra. Em Lélia, além do cabelo havia a escolha pelo uso da indumentária afro. Mais do que meros detalhes, a forma como essas duas mulheres se apresentaram marcaram as memórias das pessoas a respeito delas. Além disso, as escolhas estéticas também se fizeram presentes nos movimentos negros dos dois países. Se assumir como negro ou negra era uma resistência ao racismo que sempre buscou impor uma estética branca aos afro-descendentes. Nesse sentido, o cabelo, em especial da mulher negra, ganha toda uma importância como um espaço de afirmação positiva de uma outra beleza. Além disso,

²⁴⁵ Apesar de não serem uma presença forte na academia, os afro-americanos estão mais presentes do que os afro-brasileiros nas universidades e nos departamentos de estudos. Isso foi fortalecido com a adoção de uma série de programas de ações afirmativas nas universidades norte-americanas que permitiu a entrada e permanência de grupos subalternizados, como mulheres, negros/as, latinos/as, asiáticos/as entre outros. Essa diferença também acarretou uma distinção entre o nível de circulação da produção intelectual das duas autoras, Lélia não tinha a mesma facilidade que Angela para publicar e nem circular a sua produção intelectual (pesava para isso também as condições sócio-econômicas nos dois países).

²⁴⁶ Entrevista de Angela Gilliam no Jornal **O Pasquim**, n. 227, 6/11-12/11/1973.

muitos afro-descendentes buscaram nos dois países se aproximar do que imaginavam ser a África, através de roupas, nomes, indumentárias etc.

A outra questão, importante para o processo de “imortalização” da memória sobre elas foi o caráter de excepcionalidade atribuído às duas com relação a sua capacidade intelectual e articulação política. É destacável o fato delas muito novas terem se tornado professoras universitárias, acrescentando-se a isso o fato de as mulheres negras terem pouquíssimo acesso ao ensino superior, tanto no Brasil como nos EUA daquele período.

A importância dessas duas trajetórias, e o impacto de seus discursos foram importantes para a manutenção da memória a respeito delas nos movimentos, bem como para a construção das suas figuras como emblemáticas dos movimentos negros e de mulheres negras.

3.3. Comparando escritos

Pudemos observar, nos capítulos anteriores, a partir dos recortes executados nos trabalhos das autoras ²⁴⁷, o fato delas terem abordado os mesmos temas: a experiência e a condição das mulheres negras em seus respectivos países, ainda que baseadas em orientações intelectuais distintas. Elas buscaram valorizar a participação das mulheres negras na construção das duas nações, a sua importância na lutas sociais e o conhecimento construído pelas mulheres afro-descendentes. As produções de Angela e Lélia romperam com a invisibilidade da mulher negra na esfera da produção do conhecimento e na ação política dos militantes do movimento no Brasil e EUA; entretanto, as vozes das mulheres negras de uma forma geral, não foram ainda incorporadas, quer às tendências dominantes do feminismo quer às mais radicais.

Uma das questões recorrentes na produção das duas autoras foi o reexame da experiência das mulheres negras na escravidão ²⁴⁸. Isto foi feito com dois objetivos. O primeiro foi desenvolver uma releitura histórica da experiência das mulheres na escravidão, ressaltando a especificidade de ser escrava, e ainda o seu papel na resistência individual e coletiva contra a escravidão. Angela e Lélia buscaram resgatar

²⁴⁷ Recordamos o fato das autoras possuírem uma produção intelectual ampla, mas em consequência do tema abordado realizamos um recorte temático nos trabalhos de ambas.

²⁴⁸ Como já mencionado, as autoras estavam inseridas em um contexto no qual as mulheres negras começavam a desenvolver um trabalho de reflexão sistemática sobre raça e gênero executado por outras mulheres também. Todavia, no processo de reexaminar a escravidão a partir da perspectiva das mulheres negras, as autoras podem ser consideradas pioneiras.

essas experiências ignoradas pela história e também pelas narrativas dos movimentos negros. O outro objetivo, foi o de desconstruir os arraigados estereótipos sobre as mulheres negras baseados na escravidão. Angela desconstrói a idéia do poder patriarcal e Lélia, a das relações sexuais afetivas entre o senhor e escrava, estereótipos baseados em uma narração da realidade pretensamente legitimada em informações históricas.

Nas duas autoras encontramos uma discussão a respeito do trabalho escravo exercido pelas mulheres. A condição “feminina” não suavizou o trabalho das escravas. Em especial o trabalho no campo onde não se fazia distinção de gênero. E tampouco foram enquadradas na imagem da feminilidade construída ao longo do século XIX. Possuíam uma condição ambígua de mulher, que se manifestava na violência sexual que sofriam, através da coerção da prática sexual – fosse por chantagem, por estupro, ou pelo lucro do proprietário. O estupro teve um papel central na compreensão da condição da mulher escrava.

Angela dedica uma atenção especial ao tema, pelo mesmo ter tido um impacto muito grande na comunidade afro-americana tanto na escravidão, como no período da segregação. Durante a escravidão, a partir de uma leitura bem particularizada do tema, ela pontua o fato do estupro se inscrever como uma forma de controle sexual sobre todos os escravos. No período pós-emancipação, o mesmo será tratado de forma distinta, fossem vítimas e agressores brancos/as ou negros/as. Lélia avalia o papel da violação na relação entre o colonizador e as mulheres negras e indígenas também, pois foi o estupro a chave do mito da democracia racial - uma dita harmonia sexual conseguida através da violência física e moral. O estupro e a reprodução do trabalho escravo situa a experiência do corpo feminino negro na escravidão experimentado pelas duas sociedades. Além disso, nas representações posteriores sobre as afro-americanas e brasileiras, o corpo se constituiu em lugar de inscrição da violência física e simbólica²⁴⁹. Nas duas sociedades, o corpo negro constituiu-se no *corpo alvo*, “(...) culturalmente perseguido e transformado em objeto do desejo e da criminalização”.²⁵⁰ Nos EUA, esse corpo foi marcado pelo linchamento durante a

²⁴⁹ Sobre os EUA, recordamos uma expressão bem popular do *black english*, *mothafucka* (*mother + fucker*) que mostra a permanência na memória coletiva dos afro-americanos da presença do senhor branco como aquele que “comeu” /estuprou a sua mãe (a escrava). O termo nega qualquer visão romanizada a respeito da relação entre escrava e proprietário.

²⁵⁰ TAVARES, Júlio. **Atitude, Paz e Respeito: Cultura Hip-Hop, Pedagogia Política e Intelectuais Públicos**. Rio de Janeiro: 2003, (mimeo), p. 03.

segregação e atualmente pelo aprisionamento e banimento social. No Brasil, extermínio e a violência policial marcam esse corpo.

Como já observado no capítulo I, a sexualidade tinha uma implicação distinta para as mulheres negras nos dois países, e a definição “meu corpo me pertence” dentro de uma perspectiva liberal, encontrava-se fora de lugar para as ativistas negras.²⁵¹

Nas duas sociedades, a sexualidade das mulheres brancas e das “mulheres de cor” (asiáticas, indígenas, negras, *hispano-hablantes*) foi definida de forma opositiva. As últimas, ao longo da história foram definidas como mais sexualizadas. Definimos por *sexualizar* e *sensualizar* para dar conta da distinção entre as representações sexuais sobre mulheres brancas e negras. A sexualização conceitua a experiência das mulheres negras, marcada pela “supervalorização dos seus traços físicos, expressa através da sua associação restrita ao erotismo e sedução. Neste sentido, elas ocupam um lugar bastante específico nas hierarquias de gênero e raça: fornecedoras de prazeres carnavais”.²⁵² A imagem dessa supervalorização sexualizada serviu como justificativa para violências cometidas contra as mulheres negras nos dois países.

Contrariando o discurso presente no senso-comum sobre as experiências raciais no Brasil e EUA, em ambos os países desenvolveram-se estereótipos sexualizados sobre as mulheres negras. Ligando a sexualidade destas ao campo do animalesco, da natureza, argumentos reforçados com o discurso cientificista do século XIX, estabeleciam a existência de raças humanas com características morais e comportamentais distintas. E, ainda, definia uma suposta natureza feminina marcada pela passividade, docilidade que contemplava apenas as mulheres brancas das elites.

Acrescenta-se ainda o papel desempenhado pelas representações da escravidão para a construção de estereótipos sobre as mulheres negras. A mãe-preta no Brasil e a *mammy* nos EUA²⁵³ foram visões nostálgicas sobre uma relação adocicada que teria ocorrido no espaço doméstico da casa grande, entre essa escrava e seus donos, e que permaneceu, no pós-emancipação, na figura da empregada doméstica e da babá.

As autoras também apresentam a discussão sobre o homem negro, diferente de grande parte do pensamento feminista ocidental. Elas fizeram uma leitura um pouco

²⁵¹ Angela e Lélia se posicionaram a favor do aborto. Lembramos que, nos EUA, o mesmo encontra-se já legalizado em muitos estados e que, no Brasil, sua prática ainda é considerada ilegal.

²⁵² CORTES, Giovana Xavier da Conceição. **Coisa de pele**: mulheres mulatas e mestiças na literatura brasileira (Rio de Janeiro, 1880-1920). 2004 (mimeo), p. 20.

²⁵³ Recordamos também a semelhança física: ambas eram representadas por mulheres gordas.

distinta sobre o papel do homem negro nas relações de raça e gênero. As autoras percebem o lugar da raça em mediar a categoria gênero, sendo assim os homens negros ocupam a posição de sujeitos subalternos e dominantes. O papel dominante foi mostrado pelas autoras a partir da relação com as mulheres negras, em particular ao denunciarem o machismo dentro do movimento negro²⁵⁴ em relação às negras. Já no seu papel subalternizado, o homem negro é a vítima preferencial da violência policial, e as autoras denunciam com frequência a opressão dessa violência exercida contra os homens negros, mostrando a eficácia da raça para subalternizar a posição masculina dentro da sociedade patriarcal. Angela em especial acrescenta a discussão e a militância contra a criminalização e encarceramento dos jovens negros. Angela e Lélia mostram as variáveis possíveis do masculino negro dentro de sociedades hierarquicamente definidas entre classe, raça e gênero, assim construindo os diversos tipos de masculinidade.

A importância da ampliação dessas discussões, não foi uma característica apenas de Angela e Lélia, mas uma tradição forte dentro do feminismo negro. Uma preocupação histórica das mulheres negras com a sua comunidade, ou talvez, uma responsabilidade histórica dessas mulheres que teve como consequência uma forte anulação da sua própria individualidade. Devemos pensar até que ponto as mulheres afro-americanas e brasileiras não incorporam para si o discurso da maternidade coletiva para com a sua própria comunidade.

Angela e Lélia, ao desenvolverem o seu pensamento, tinham como eixos norteadores as relações de classe, gênero e raça. Na prática, observamos que suas análises atribuíram importância maior a uma das categorias, coincidentemente a categoria gênero, categoria esta que, quando isolada, não teve grande peso nas análises das autoras. Angela, por sua formação marxista, deteve-se mais na questão da classe e Lélia na da raça. Essas diferenças também se relacionam a questões da época. Na geração de Angela, a discussão de classe foi um grande definidor e diferenciador do movimento negro em relação à geração anterior do movimento de direitos civis que tinha a inclusão como questão. Em relação à Lélia, as discussões estavam bem ligadas ao contexto, caracterizado pela emergência de novos sujeitos, para além da discussão da classe, daí a importância da categoria raça.

²⁵⁴ Sobre o machismo dentro do movimento, é interessante a identificação que muitos homens negros faziam com as mulheres negras a partir dos atributos definidos historicamente às mulheres. No campo da política, o resultado era a cobrança de um papel secundário.

Consideramos que as três subordinações se relacionam de forma dinâmica não sendo possível estabelecer nenhum modelo estático de definição. Por exemplo, se pensamos no mercado de trabalho, mídia, cultura, educação, renda etc., as variáveis podem possuir um valor distinto. As autoras conseguiram trabalhar com as relações sociais de forma complexa, justamente por terem a compreensão da articulação dessas variáveis, de como as mesmas produziam violências e exclusões. Nas duas sociedades, encontramos sujeitos sociais que vivem diferentes subordinações, dentro desse quadro elas avaliaram a posição dos homens negros e das mulheres negras, que não se apresentam de forma estática e nem tampouco opositiva.

Mesmo sem nomear teoricamente, elas desenvolveram conceitualmente as perspectivas que posteriormente seriam apresentadas pelo conceito da *interseccionalidade*²⁵⁵, desenvolvido por *Kimberlé Crenshaw*. O conceito segundo esta pesquisadora, define que “as discriminações de raça e de gênero não são fenômenos mutuamente excludentes, propõe um modelo provisório para a identificação das várias formas de subordinação que refletem os efeitos interativos das discriminações de raça e de gênero”.²⁵⁶ Angela e Lélia acrescentaram a ele também as estruturas de classe para demonstrarem como as desigualdades se configuram de forma complexa, tendo como maiores vítimas os afetados pelas três dimensões.

As metodologias das autoras na análise do racismo bem como suas estratégias políticas nos revelam as especificidades de cada uma. Angela, a partir do marxismo, concentrou-se em avaliar as estruturas do racismo dentro do capitalismo norte-americano, bem como a questão do trabalho, em especial o papel do trabalho na vida das mulheres negras. Acrescentou à sua análise ainda as preocupações com a questão do colonialismo, raça e gênero. O seu foco principal foi pensar a exploração de classe em conjunto com a raça, reconhecendo o privilégio racial ligado ao privilégio de classe, pensando a questão a partir da análise das estruturas de forma vertical. Avaliou a luta negra como parte de um movimento internacional de trabalhadores contra o capitalismo e o imperialismo. Para ela, o discurso nacionalista negro por si só não era suficiente, por avaliar a raça em separado das classes e das relações de produção.

²⁵⁵ CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. In: **Revista Estudos Feministas**. v. 10, n. 01. Florianópolis: UFSC, 2002, pp. 171-188.

²⁵⁶ *Ibid*, p. 171.

Nas suas estratégias políticas, posicionava os afro-americanos como colonizados dentro da sociedade norte-americana. A sua luta, e de outros, não era a luta por uma igualdade dentro do capitalismo, e sim por uma revolução socialista que teria os negros como vanguarda, mas que só seria possível de se realizar com a aliança com o operariado branco. Para Angela e sua geração de militantes negros, a libertação do negro estadunidense é pensada em conjunto com as lutas de libertação do terceiro mundo, como havia ocorrido em Cuba, e acontecia no Vietnã. Nesse contexto, o diálogo com a África tornava-se fundamental, tendo inclusive levado militantes dos Panteras Negras a viverem exilados na Argélia como Eldridge e Katleen Cleaver. Quando Angela estava foragida da polícia especulava-se se ela iria pedir asilo político na Argélia.

Lélia, de forma distinta de Angela, pensa as relações de produção com a mesma importância que atribui à cultura, em especial ao simbólico, para avaliar o racismo, com base também na Psicanálise de orientação lacaniana e em diálogo com o Afrocentrismo e o Pan-africanismo. Ela está interessada em pensar os micro-poderes, fazendo uma análise mais horizontal das relações raciais, pensando em outros centros de poderes e contra-poderes. Também está interessada em pensar gênero e classe, mas essa última, dentro da sua produção, não teve um lugar central. Dessa forma, define o racismo como construção ideológica com benefícios sociais e econômicos para os brancos, pobres e ricos. Além disso, o racismo também é visto como um sintoma (que se manifesta em público de um problema maior) do que vivem os brasileiros ao tentarem passar ou desejarem ser brancos em um país amefricano. O discurso da revolução socialista não está em seu vocabulário político, mas sim a questão da cidadania e da garantia de direitos formais afro-brasileiros.

A diferença entre as autoras pode ser definida de várias formas, mas gostaríamos de nos concentrar na diferenciação das estruturas das relações raciais que levou as autoras a responderem problemas específicos. A insistência de Lélia nas categorias da Psicanálise, além de uma escolha pessoal, liga-se diretamente à especificidade do racismo à brasileira, que, ao se negar o tempo todo e ao mesmo tempo se manter presente, é um racismo internalizado e reforçado pelo processo do branqueamento. Uma relação ambígua melhor compreendida pela Psicanálise dentro das teorias sociais, por ter elementos para desvendar o nível inconsciente desse processo. Lélia e o movimento negro da década de 70 estavam justamente

respondendo à sociedade brasileira, tanto à esquerda como à direita, que não se trata de um problema de classe, mais sim de raça.

Dessa forma, percebemos que as escolhas intelectuais também se relacionam a debates político não nomeados. Nesse processo, o uso do marxismo não seria completo para desvendar toda a dimensão das relações raciais no Brasil. Para Angela, o processo tomava uma outra configuração, a existência aberta do racismo colocava mais claramente a necessidade de encontrar respostas para a superação do mesmo, não mais na perspectiva inclusiva do movimento dos direitos civis.

Apesar das diferenças entre as autoras, ambas inserem a luta anti-racista e sexista numa perspectiva de esquerda. Todavia, como sabemos “no seio da esquerda, o fosso de gerações desempenhou um papel essencial e acarretou um verdadeiro choque de culturas políticas”.²⁵⁷ As distintas culturas políticas foram em parte responsáveis pelas orientações das autoras, bem como o contexto político. Angela inicia a sua militância numa conjuntura de esperanças com o socialismo a nível global, com a perspectiva das mudanças, e com a renovação da juventude, ela mesmo era muito nova – bem como as grandes lideranças da época. Lélia, por sua vez, está no contexto da crise desse modelo, e com novas perspectivas políticas. Contudo elas se encontram na busca da construção de um novo projeto de sociedade, não mais baseado em hierarquias, violência e desigualdades, além de possuir uma visão internacionalista.

A questão da aliança entre setores progressistas da sociedade na luta anti-racista está presente nas duas autoras. Elas, contudo, atribuiriam aos/às negros/as um papel de vanguarda nesta luta, papel este com especificidades distintas acerca do que consideram ser a forma adequada de superar tais questões. Mas não pensavam que a superação do racismo seria possível sem a conscientização dos/as brancos/as – pois, por não serem separatistas, não acreditavam em uma sociedade composta só de negros/as.

Como forma de melhor compreender o desenvolvimento e o amadurecimento intelectual das autoras, busquei também pelas leituras e referências bibliográficas que as teriam ajudado a desenvolver seu pensamento. Nas referências citadas pelas autoras em seus artigos, pude observar que cada uma estava muito atualizada com a respectiva bibliografia que lhe era contemporânea. Autores americanos são citados

²⁵⁷ SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, p. 136.

por Angela e brasileiros por Lélia, mostrando o conhecimento delas sobre que estava sendo produzido na academia de sua época. Em Lélia há, referências constantes aos autores Carlos Hasenbalg, Abdias do Nascimento, Marx, Freud, Lacan, Frantz Fanon e Althusser – sendo que a presença desse último autor é observada apenas nos textos dos anos 70. Em Angela, há a presença constante de Marx, W.E.B. DuBois, Herbert Aptheker, Herbert Marcuse e Frantz Fanon²⁵⁸. Como já mencionado as autoras tinham formas distintas de trabalharem com o marxismo. Uma das interseções encontradas foram autores como DuBois e Fanon que nos revelam a visão diaspórica da autoras e ainda a referência a Simone de Beauvoir como filósofa e feminista.

Nas distinções entre ambas poderíamos falar em termos marxistas, de forma geral e não generalizante. Angela estava preocupada em pensar o racismo dentro do capitalismo a partir da sua infra-estrutura e Lélia buscou compreender o mesmo em sua superestrutura. Não apresentamos uma visão dicotômica entre as autoras, pois em muitos textos e momentos elas extrapolaram essa definição. Mais do que característica pessoal, a compreensão do racismo tem seguido essas duas orientações. Destacamos ainda que as diferenças na estruturação das relações raciais, nesses dois países, relacionam-se também com as formas distintas de organização política dos afro-descendentes no combate ao racismo e às desigualdades daí decorrentes e ligam-se, em parte, às análises e considerações das duas autoras.

O simbólico ganha uma grande importância em Lélia²⁵⁹, a nosso ver esta é a grande novidade que introduz no estudo das relações raciais e de gênero no Brasil, e provavelmente outros estudos poderão ainda vir a mostrar a importância dessa sua análise para o feminismo negro fora do Brasil. Além disso, a sua apropriação da Psicanálise possibilitou-lhe está pensar o papel da linguagem com vistas a uma maior compreensão dessas relações.

Em Angela, a importância esteve em rerepresentar uma leitura sobre a experiência das mulheres sob a escravidão nos EUA, negando toda uma visão do senso-comum e da própria academia sobre o papel das mulheres negras, no período, bem como a sua preocupação em analisar a importância do trabalho na vida das mulheres negras. Um outro destaque das suas considerações foi o caráter propositivo

²⁵⁸ É importante pontuar que muitos outros autores e autoras foram citados ao longo da produção de ambas. Contudo, os mencionados acima foram o que se destacaram no conjunto das obras, em especial no período recortado para estudo.

²⁵⁹ A discussão do imaginário aparece em Marx ao tratar da questão do fetiche da mercadoria no **Capital** e também no **18 Brumário**.

da sua produção, pois em muitos textos procurou apresentar soluções aos problemas abordados, e se mostrou engajada na resolução dos mesmos. E nesse sentido, que se destaca a sua atuação na luta contra o complexo industrial carcerário.

Como observado nos capítulos anteriores, as polêmicas com o movimento feminista foram uma constante tanto para as autoras, como para as mulheres negras nos dois países. As críticas comuns levantadas pelas mulheres negras dos dois países eram muito semelhantes. Giravam em torno da prevalência de uma agenda política que não contemplava as mulheres negras e populares; dificuldades de discutir classe e raça neutralizando as outras dominações submetidas às mulheres; insistência num padrão de feminilidade que historicamente jamais contemplou as mulheres negras e, ainda, a sua relação com os homens.

Dessa forma a produção das autoras sobre as mulheres negras se constituiu em um ato de resistência contra o discurso hegemônico do movimento de mulheres. Ao mesmo tempo uma desconstrução do que Patrícia Collins chamou de “imagens controladas” a respeito das mulheres negras, que são responsáveis por fazer o racismo, sexismo e a pobreza aparecerem como natural e inevitável.²⁶⁰ Essa imagem controlada das mulheres negras nos dois países teve conseqüência similares. Os mitos que as autoras buscaram desconstruir pontuavam a existência de uma relação entre a escrava e o seu senhor que havia concedido poderes a elas em detrimento do homem negro. No Brasil, isso ocorria a partir da imagem da democracia racial e das figuras da mulata e da mãe-preta e nos EUA, a partir da idéia do matriarcado negro.

Angela e Lélia tiveram papéis semelhantes nos seus países e em seus movimentos. Sintetizaram em grande parte os projetos políticos e as utopias de suas gerações, marcadas pelo desejo de transformação e confiança na mudança. Acrescenta-se a isso que, apesar da diversidade e da dimensão dos respectivos contextos, e apesar das diferenças em alguns aspectos de suas trajetórias, propostas, elaborações políticas e intelectuais, ambas se voltaram para as questões básicas das condições dos afro-descendentes na diáspora. Empenharam-se em compreender os processos históricos, sociais, políticos e culturais em que baseiam as desigualdades raciais e a opressão dos/as negros/as e em fomentar a organização dos mesmos no combate a esses problemas.

²⁶⁰ Cf. COLLINS, Patrícia. **Black Feminist Thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment** New York: Routledge, 1991, p. 68.

Em especial, levaram para dentro do movimento e da academia a discussão a respeito das mulheres negras. Podemos perceber que ambas constroem a sua identidade tendo como eixo articulador a sua própria condição de mulheres negras. Foi a partir desses lugares considerados “nada” dentro de sociedades estruturadas por hierarquias de raça, classe e gênero que elas se inseriram, construindo suas ações-intervenções e transformando o nada, o negativo, em fator positivo de identidade.

Essas características marcam, enfim, a importância das duas autoras para o desenvolvimento do pensamento feminista negro da Diáspora.